

# IMAGENS QUE LUTAM

## DESIGN COMO FERRAMENTA NO COMBATE À DESIGUALDADE DE GÊNERO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO & DESIGN

# IMAGENS QUE LUTAM: DESIGN COMO FERRAMENTA NO COMBATE À DESIGUALDADE DE GÊNERO

Julia Amaral Machado

Orientadora: Profª Drª Érica Neves

BAURU, SÃO PAULO
2026

Machado, Julia
M149i Imagens que lutam : Design como ferramenta no combate à desigualdade de gênero / Julia Machado. -- , 2026
57 p. : il., fotos

Trabalho de conclusão de curso ( - ) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru.
Orientadora: Érica Neves

1. Design gráfico. 2. Design ativismo. 3. Design feminista. 4. Feminismo. 5. Ativismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

**Resumo:**

Essa pesquisa aborda o design como uma ferramenta de ativismo político-social voltado para o feminismo. Vivemos em um mundo liderado por sistemas de relações de poder, sendo importante entendê-los, como operam e são introduzidos na sociedade. O design é inserido na discussão como um meio de dar voz às lutas, mediar comunicação e facilitar o acesso às mensagens. O objetivo da pesquisa foi a criação de artes gráficas que visam abrir discussões e expor o machismo que permeia a vida em sociedade, criadas a partir de análises bibliográficas e documentais sobre relações de poder, alteridade, patriarcado e design ativismo. Foram feitas duas coleções de imagens que exploram temáticas feministas. Por fim, o projeto reafirma que o design pode ser utilizado para além de fins comerciais e atua como um poderoso dispositivo de protesto e militância, funcionando também como uma introdução ao feminismo para mulheres jovens e adultas.

Palavras-chaves: Design gráfico; Design ativismo; Design feminista; Feminismo; Ativismo

**Abstract:**

This research addresses design as a tool for socio-political activism focused on feminism. We live in a world guided by systems of power relations, rendering it essential to understand them, how they operate and are introduced into society. Design is integrated into this discussion as a way of giving voice to struggles, mediating communication and facilitating the access to messages. The objective of the research was the creation of graphic arts aimed at opening discussions and exposing the sexism that permeates life in society, developed from bibliographic and documental analysis about power relationships, alterity, patriarchy and design activist. Two image collections exploring feminist themes were created. Finally, the project reaffirms that design can be used far beyond commercial purposes, acting as a powerful device for protests and militancy, while also serving as an introduction to feminism for young and adult women.

Keywords: Graphic design; Design activism; Feminist design; Feminism; Activism

# SUMÁRIO


## 1. INTRODUÇÃO | 6
1.1 Objetivos | 9
1.2 Justificativa | 9

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 11
2.1 Relações de poder | 11
2.2 Alteridade | 13
2.3 Inferioridade feminina como construção social | 14
2.4 A construção de um caminho | 19

## 3. DESIGN COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO | 22
3.1 Design ativismo e feminismo | 24
3.2 Design ativismo feminista no Brasil | 27

## 4. METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO PROJETUAL | 34
4.1 Briefing e quadro semântico | 36
4.1.1 Coleção “Onde está?“ | 38
4.1.2 Coleção “É normal, né?“ | 43

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48

## 6. REFERÊNCIAS | 50

## Motivação

Durante minha primeira formação, em 2015, tive meu primeiro contato com o feminismo, aos 18 anos. A faculdade foi uma exposição de discussões e lutas feministas que até o momento, eu não conhecia. Desde então, a temática virou interesse, o interesse virou estudo e o estudo virou paixão.

Já na graduação de Design Gráfico, eu sabia que minha pesquisa precisava envolver a discussão feminista. Após entrar no projeto de extensão PET-Saúde: Equidade, tive a oportunidade de assistir a uma palestra intitulada “Direitos Humanos e a multidimensionalidade do ser humano” da Profª Drª Ana Maria Klein, esse foi o início que inspirou esse projeto. Com a conversa sobre direitos humanos, fui atrás de cursos que abordassem a temática de gênero, e me deparei com um curso maravilhoso que foi a base para minha pesquisa chamado “Gêneros e suas interseccionalidades” oferecido pela Universidade da Islândia.

Nesse curso, foi abordado as questões de gênero com suas inúmeras intersecções: gênero e raça, gênero e classe, gênero e religião, gênero e sexualidade, gênero e nacionalismo e gênero e equidade. Em especial, no bloco Gênero e Nacionalismo, foi mostrado como os países antigamente usavam propagandas, símbolos e alegorias para criar uma imagem da sua sociedade. A partir dessa discussão, comecei a pensar no design como uma forte ferramenta política-social, e no estudo presente, voltada para o ativismo feminista.

Esta pesquisa aborda diversos assuntos relacionados ao feminismo e à formação da sociedade patriarcal em que vivemos. Esse trabalho de conclusão de curso foi pensado e desenvolvido para ser uma introdução ao feminismo para mulheres jovens e adultas que ainda não tiveram contato com esse conteúdo. E para aquelas que já tiveram, espero que sirva como um ponto de partida de estudo para inúmeros subtemas da temática. Da mesma maneira que as artes gráficas aqui feitas foram produzidas como forma de crítica e reflexão. O design atua como uma ferramenta de alcance e acessibilidade para todos, já que possui a capacidade de comunicar e produzir conhecimento para níveis diferentes de ensino.

# 1. INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira foi estruturada a partir de inúmeros sistemas de dominação, como a colonização, o patriarcado e o racismo. De acordo com a lexicóloga e dicionarista Maria Tereza Biderman, em seu estudo “Formas de tratamento e estruturas sociais” (1972), ao colonizar o Brasil, os portugueses e espanhois reproduziram as estruturas sociais existentes em suas terras na época. Biderman reitera que

o poder é “uma força polarizadora na organização das relações” (1972, p. 349), e como consequência da imigração de colonos de classe média inferior, baixa e marginais que eram reprimidos em seus países de origem, essas relações de poder se refletiram de maneira mais extrema no Brasil.

Dessa maneira, relações assimétricas de poder foram estabelecidas na sociedade brasileira colonial. As consequências dos sistemas de dominação estão presentes nos dias atuais nas mais diversas formas, às vezes disfarçados e sutis, às vezes explícitos. Eventualmente é fácil reconhecermos uma ofensa, injustiça ou desigualdade, outras, vêm tão bem embrulhadas em um lindo papel de presente, que faz demorar anos para entendermos que determinada situação foi problemática. Em 1999, bell hooks (“Tudo sobre o amor”) já afirmava que os sistemas de dominação nos ensinam que toda relação humana possui uma hierarquia e é necessário ter um lado superior, ou seja, um lado que domine. Crescemos assim, como consequência, cultivando relações - sejam elas amorosas, familiares, de amizade ou no trabalho - em que sempre há um dos lados que predomina.

Nesse contexto, o design contemporâneo tem sido cada vez mais reconhecido como uma ferramenta política capaz de atuar no ativismo, na militância e na transformação social (Júnior *et al.,* 2020). Em 1971, Papanek, em seu livro Design para o mundo real, já introduzia o debate sobre o uso do design como uma poderosa ferramenta política. No artigo *Defining Design as Activism* (Definindo o Design como Ativismo), de Ann Thorpe, a autora diz que “o objetivo do design ativismo é apresentar desafios para o enfrentamento dos padrões dominantes de poder e derrubá-los em favor de algo melhor” (2011, p. 14). O design, portanto, não é neutro, pode tanto reproduzir estruturas de dominação quanto subvertê-las.

Essa reprodução de estereótipos é visível em produtos, propagandas e artes do cotidiano. Bonecas e casinhas são presenteadas às meninas; cores rosa e azul separam gêneros desde o nascimento; produtos considerados "neutros" são direcionados de maneiras diferentes; letras delicadas para mulheres, formas rígidas para homens. Esses artefatos funcionam como ferramentas de educação e socialização dentro de uma lógica patriarcal, direcionando meninas, desde o nascimento, à práticas que exigem delicadeza, cuidado e fragilidade (Bento, 2010).

Diante disso, esta pesquisa propõe utilizar o design como ferramenta de ativismo feminista, por meio da criação de artes gráficas que dialoguem com as problemáticas do machismo estrutural e cele-

brem as conquistas da luta feminista. O produto final destina-se a mulheres jovens e adultas em início de contato com a temática, funcionando como ponto de partida para estudos futuros e como instrumento de crítica e reflexão.

## 1.1 Objetivo

O objetivo geral deste projeto é desenvolver peças gráficas de cunho feminista que utilizem o design como ferramenta de ativismo para introduzir a discussão sobre machismo estrutural e conquistas feministas para mulheres jovens e adultas. Como objetivos específicos, tem-se:

- Fundamentar teoricamente a relação entre design, ativismo e feminismo;
- Analisar a produção feminista existente como referência projetual e comunicacional;
- Definir o recorte temático das peças gráficas com base nos conceitos estudados;
- Desenvolver o projeto gráfico das peças de ativismo feminista, documentando o processo de decisão de design;

## 1.2 Justificativa

A desigualdade de gênero é um problema perpetuado por uma cultura patriarcal, e que apesar de inúmeros movimentos para alcançar igualdade, e a conquista de direitos civis e políticos da mulher, vemos uma crescente onda de ideais conservadores se propagando pelo mundo. A volta de uma visão arcaica sob a mulher, sobre seus direitos e o seu papel na sociedade, retrocede anos de lutas e conquistas feministas.

Esse projeto surge da necessidade de relembrarmos nossa história, como chegamos até aqui, e quais ferramentas temos à nossa disposição para lutar. Não pretendia me lançar no clichês, mas eles funcionam por uma razão e não há frase melhor para resumir do que: “Aqueles que não conseguem lembrar o passado, estão condenados a repeti-lo” (George Santayana, 1905-1906). O aumento do feminicídio no Brasil, assim como as agressões que antecedem o feminicídio, como perseguição e violência psicológica (20º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2026), e até o surgimento de um movimento contra o direito de voto das mulheres, são exemplos da história se repetindo na nossa frente.

O design entra na luta como uma potente ferramenta política de transformação, podendo

mediar informação e permitir leituras fora da ótica de um sistema vigente, tornando-a democrática e acessível (Junior; Moura; Guimarães, 2020). Espero também que esse projeto possa ser uma porta introdutória que dialogue com mulheres em início de contato com pautas feministas.

# 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 2.1 Relações de poder

O patriarcado, assim como os demais sistemas de dominação, é baseado nas relações de poder. bell hooks (1999) resume dizendo que, como consequência, "... é natural que o poderoso domine aquele que não tem poder" (p. 39), preservando os benefí-

cios do poder para ele. Para entendermos essa relação um pouco mais a fundo, é necessário dar alguns passos para trás e nos voltarmos para o conceito de poder. O filósofo francês Michel Foucault, em seu livro “Microfísica do poder” (1979) , define a palavra como uma relação de força. Como resultado, “o poder é essencialmente repressivo” (p. 99). Ou seja, independente de onde estiver e da maneira que for aplicado, onde há relações de força, um reprime e outro é reprimido.

Nesse livro, Foucault reafirma as ideias do filósofo alemão Georg Hegel de que, na contemporaneidade, ser o ator da repressão implica ter poder. Mas a repressão sozinha não o constitui. De acordo com Foucault:

> “Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (1979, p.8)

Com essa citação de Foucault, pode-se reconhecer que esses sistemas de dominação são de origem social. As pseudociências, correntes que se dizem baseadas na ciência, mas não possuem de fato resultados provenientes de métodos científicos, por muitos anos nos convenceram que a biologia era responsável pelas diferenças sociais. O darwinismo social, por exemplo, se utilizou da teoria da seleção natural de Charles Darwin para justificar a “superioridade” de uns e a “subjugação” de outros (Bolsanello, 1996). Foucault (1979) nos lembra de que esses ideais são discursos criados, impostos e reproduzidos, e afirma que o poder possui suas próprias ferramentas de ação.

A disciplina é um dos mecanismos do poder que pode moldar comportamentos e saberes. A antropóloga Larissa Pelúcio (2025), reflete como a disciplina, quando bem utilizada, pode gerar muita organização, saber e conhecimento (como em escolas, hospitais ou na ciência), mas também é usada para enquadrar corpos. Vamos nos voltar à ótica patriarcal, em que as mulheres são levadas à acreditar que devem seguir à risca várias rotinas para conseguir peles, cabelos e corpos adequados. A quantidade de rotinas seguidas pelas mulheres para alcançarem uma aparência “correta” e comportamentos aceitáveis mostra-se maior do que a dos homens. Como um exemplo disso, a empresa de pesquisa de mercado e consumo GFK, conduziu um estudo em 2016 que apontou que mulheres brasileiras gastam em média 5,3 horas semanais para cuidados pessoais,

como banho, maquiagem, cabelo, depilação e roupa. Enquanto isso, os homens gastam 3,5 horas por semana para as mesmas atividades e se barbear. Esse é um dos exemplos que demonstra como a disciplina pode interferir e moldar nossos comportamentos.

Mas e quando a disciplina não é obedecida? É necessário então uma ação que torne o sujeito obediente, e entra em prática outra ferramenta do poder, a punição. Novamente, de acordo com Foucault (1975), a atitude da punição reflete o desenvolvimento das sociedades modernas e das formas de poder que se apresentam nelas. No passado, os comportamentos eram moldados através de penas de morte e torturas físicas, com o tempo as práticas se tornaram mais sutis, embora com o mesmo propósito. Nas sociedades modernas, a vigilância constante, normalização de comportamentos, prisões e até mesmo práticas mais violentas, são usadas como tecnologia de controle para ensinar que existe um poder acima das pessoas.

A punição é utilizada para diminuir a frequência de respostas e comportamentos indesejados (Sidman, 1995 *apud* Moreira; Oliveira, 2023), dentro de uma cultura machista, essa ferramenta é voltada para controlar, condicionar ou coagir os corpos femininos. Um dos exemplos de punição, que não envolve um ato de agressão em si, é o chamado *Gaslighting*, em que o agressor deslegitima sentimentos, reações e opiniões da vítima, através de falas agressivas, ofensas, humilhações e desmerecimento. Assim, com o passar do tempo, a vítima se comporta de maneira a evitar os gatilhos do agressor e futuras punições, limitando seu repertório comportamental, negando seus sentimentos, que faz com que a pessoa permaneça em ambientes e relacionamentos abusivos sem perceber (Moreira; Oliveira, 2023)

Fomos disciplinados, por muitos anos, a seguir determinadas regras que ficaram tão enraizadas em nosso comportamento, que é um verdadeiro processo nos desvencilharmos delas. E é dessa maneira que o poder age nas relações, através da produção de saberes, disciplina e punição quando estes não são devidamente seguidos, como foi apontado pelos autores citados anteriormente.

## 2.2 Alteridade

Outro conceito importante a ser discutido é a alteridade. De acordo com o dicionário Michaelis (2025), a palavra significa “característica, estado ou qualidade de ser distinto e diferente, de ser outro”.

A alteridade há muito tempo é estudada por psicanalistas como um fator importante para a formação pessoal dos indivíduos. Lacan já dizia que é apenas a partir do outro que podemos nos formar e desenvolver (Lacan 1979a *apud* Brauer, 1994). Mas o outro lado da moeda mostra a alteridade como uma das bases das relações de poder.

O pesquisador Edward Said, em seus estudos pós-coloniais (2007), discute como as sociedades europeias descreviam as culturas de suas colônias, caracterizando-as por serem espirituais, preguiçosas, perversas e desonestas.

A conclusão de Said não é o que isso dizia sobre os colonizados, mas sim sobre os colonizadores. A construção dos países, sociedades e culturas colonizadas foi baseada nos valores opostos dos ideais europeus: as colônias representavam o "outro", o "alter". No Brasil, por exemplo, se os indígenas que aqui estavam foram rotulados como preguiçosos, isso implicava que os portugueses eram ativos e produtivos. Se eram liderados pela espiritualidade, então os portugueses eram liderados pela razão. Se eram desonestos, nada mais lógico do que seus colonizadores serem honestos. Essa lógica é aplicada a todos os modelos de sistemas de dominação. Voltando-nos para o escopo feminista, o papel da mulher foi construído como o "outro" em relação ao homem, representando tudo aquilo que ele não pode ser: emocional, fútil e fraco.

Simone de Beauvoir, em O Segundo Sexo, volume 1: Fatos e Mitos (1949), traz a alteridade como a base fundamental das diferenças sociais entre homens e mulheres. De acordo com a autora, "a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro" (1949, p. 12). A mulher então não é vista como um sujeito independente, que possui autonomia, apenas um objeto secundário que se constrói em relação ao homem. Se forma, dessa maneira, uma lógica social de que tudo aquilo que é visto como masculino simboliza aquele que domina e que é ativo, e o feminino, aquele que é dominado e passivo.

## 2.3 Inferioridade feminina como construção social

Da mesma maneira que o colonialismo, racismo, homofobia e demais sistemas repressores se construíram a partir da desinformação e mitos sobre aqueles que são dominados, o machismo foi uma

verdadeira bola de neve sobre a vida das mulheres. Muitos estudiosos que apesar de contribuírem imensamente para diversas áreas do conhecimento, em razão de um pensamento estritamente sexista, faziam afirmações sobre a inferioridade feminina que perpetuaram as desigualdades e são usadas como justificativa para crimes e abusos cometidos contra a mulher.

**“Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher” - Pitágoras (filósofo e matemático) (Pitágoras apud Beauvoir, 1949, p.7)**

**“Se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem ao invés de provocá-lo” - Jean-Jacques Rousseau (filósofo) (Rousseau, 1992, p.306)**

**“A relação de macho para fêmea é por natureza uma relação de superior a inferior e de governante a governado” - Aristóteles (filósofo) (Aristóteles, Livro I - Política, 1254b10)**

**“A mulher reconhece o fato de sua castração e, com isso também, a superioridade do homem e sua própria inferioridade, e se revolta contra essa situação desagradável” - Sigmund Freud (psicanalista) (Freud, 1931, p.279)**

Não por acaso, o patriarcado, em que principalmente o homem cis branco hétero organiza e é responsável pelo sistema, deixou uma marca profunda na sociedade brasileira. Muitos dos conceitos e comportamentos que possuímos hoje foram

moldados para que não só coubessem na vida em sociedade, como, principalmente, beneficiassem um determinado grupo de pessoas. E a partir da falsa suposição de que as diferenças entre homens e mulheres são intrínsecas, ou seja, de natureza biológica, por muitos anos a imagem do masculino e do feminino foi sendo construída de maneira que se encaixasse nesse sistema. A historiadora e psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco (2008) afirma que linhas de pensamento como essa começaram a ser difundidas no Ocidente no século XVI pela Igreja Católica, e depois, no século XIX, foram reforçadas por pseudociências, principalmente o darwinismo social.

Muitos mitos e pensamentos errôneos recaem sobre as mulheres como consequência dessas correntes, sobre seu comportamento, como devem agir, sentir, falar, o que devem, ou não, fazer. Em 1949, Simone de Beauvoir, com um feminismo a frente de seu tempo, escreveu a famosa frase que protagoniza essa discussão, e que abre o segundo volume de seu livro O Segundo Sexo, "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher" (p.11). Definir-se como mulher não é o mesmo que a definição científica de fêmea. Ser mulher implica um papel histórico-social de gênero a ser cumprido. Beauvoir segue na abertura de seu livro:

> Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (1949, p.11).

A misoginia é uma das maneiras de manter a mulher em uma posição de inferioridade na sociedade. Atitudes misóginas são compostas por, além de violências e abusos físicos, a desvalorização da mulher ou de seus feitos, diminuição, humilhação e abusos psicológicos e morais. Tais atitudes mantêm a "superioridade" do homem em relação às mulheres, que são refletidas, por exemplo, em números altos de feminicídio e violências e na desigualdade de salários e oportunidades no âmbito profissional, em uma relação de poder em que a balança está claramente pendendo para um dos lados.

Como consequência dessa desequilibrada relação de força, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024) registrou os maiores números de feminicídio em 2023 desde que foi tipificado como crime em 2015, assim como houve o aumento de outros tipos de violência contra a mulher, como *stalking*, abuso sexual, violência psicológica, tenta-

tivas de homicídio e, principalmente, importunação sexual, que cresceu quase 50% no ano mencionado. Já em relação à desigualdade salarial, de acordo com o 3º Relatório de Transparência Salarial e Igualdade (2024), mesmo com o aumento de mulheres no mercado de trabalho, seu salário ainda é 20,9% menor do que o dos homens.

Durante os séculos XVI e XVIII ocorreu um movimento de ideais em que as lutas físicas foram sendo deixadas um pouco de lado, dando espaço para confrontos simbólicos. Foi nessa época que as representações da inferioridade feminina nascidas de um discurso masculino, foram absorvidas e interiorizadas pelas próprias mulheres (Chartier, 1995), enraizado na produção de saberes, criou-se mitos sobre a inferioridade feminina que permanece até os dias atuais.

Foi oficializada, em 2015, uma iniciativa das Nações Unidas conhecida como ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), em que foram contemplados 17 objetivos e 169 metas relacionadas a meio ambiente, saúde, infraestrutura, entre outras temáticas, que devem ser cumpridas até 2030 no Brasil. O Objetivo 5, Igualdade de Gênero, tem como propósito “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”. Uma das justificativas para a necessidade de tal objetivo diz respeito à interseccionalidade das desigualdades:

> As intersecções com outros fenômenos que geram desigualdade e discriminação já estão acolhidas pela teoria e política de gênero. A visibilidade dessas intersecções é uma demanda por reconhecimento, a fim de que sejam levadas em conta as singularidades das desigualdades e discriminações que afetam os diferentes sujeitos (IPEA, 2019).

Além da busca pela igualdade de gênero, é importante destacar a equidade, ou seja, a busca para que todos os indivíduos tenham acesso às oportunidades da mesma maneira, considerando o contexto e a especificidade de cada um. Uma imagem clássica para exemplificar a diferença entre igualdade e equidade é o caso do muro e das caixas (Figura 1).

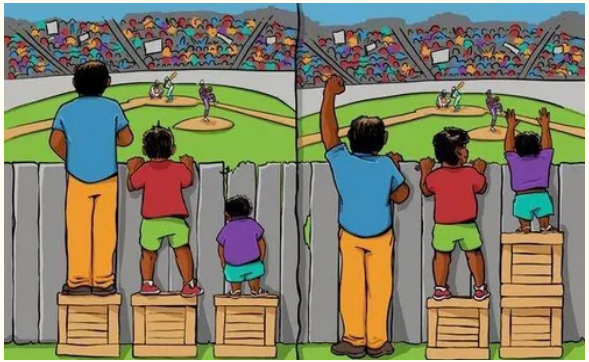


Figura 1 - Equidade
Fonte: Jornal da Paraíba, 2022

Três pessoas que possuem alturas diferentes tentam ver um jogo por cima de um muro, seguindo apenas os princípios da igualdade, em que todos são tratados de maneira igualitária, cada pessoa recebe uma caixa. A pessoa mais alta continua a ver o jogo sem problemas, a média, consegue enxergar normalmente, e a mais baixa, não vê nada além do muro. Pelo conceito da equidade, a melhor maneira de lidar com a situação não seria entregar quantidades iguais de caixas para cada pessoa, mas atender às especificidades de cada uma para alcançarem o mesmo horizonte. O indivíduo mais alto não necessita de uma caixa, o de estatura média recebe uma, e o mais baixo, duas. Dessa maneira todos têm acesso ao jogo igualmente.

A equidade se faz presente a partir da consciência de que a realidade não é composta de problemas individuais, de forma que a cada indivíduo caiba suas dificuldades e soluções para problemas sociais com as quais se depara. Ou seja, as experiências não são únicas, e quando um grande grupo de pessoas compartilha a mesma vivência problemática, é necessário emendas para que essas dificuldades sejam amenizadas ou erradicadas. O entendimento de que a desigualdade de gênero é uma experiência coletiva e incompatível com o progresso das sociedades, é crescente na atualidade, e é possível observar isso no aumento do número de meninas escolarizadas, mulheres no mercado de trabalho e em posições de liderança que contribuem para avanços econômicos, porém, o buraco ainda é fundo (Alves, 2016). E situações assim podem ser amenizadas através de políticas públicas que reconhecem as muitas dificuldades e barreiras enfrentadas a fim de diminuir ou erradicar as desigualdades (Alves, 2016).

As intersecções que rodeiam cada temática se cruzam a todo instante. Dito isso, mesmo com um foco em uma discussão sobre gênero, é impossível nos desvencilharmos de conversas sobre raça, classe, sexualidade e religião, entre outros aspectos (como foi citado anteriormente na ODS). A norte-americana Kimberlé Crenshaw (1989), defensora dos direitos civis, teorizou o conceito de interseccionalidade. Toda essa discussão visa expor que as desigualdades não são as mesmas: todas as mulheres são oprimidas pelo machismo, mas mulheres brancas cis de classe média não estão sujeitas às mesmas desigualdades que mulheres negras, pobres ou homossexuais enfrentam. De acordo com a religião em que a mulher está inserida, país e cultura, seus desafios também são outros.

Atualmente, com os inúmeros avanços tecnológicos e inteligência artificial (IA), o discurso de inferioridade feminina reflete em esferas que no

passado, nem eram existentes. Dados, algoritmos e IAs, diferente do que pensamos, não são neutras, apenas refletem a perspectiva de quem os construiu, estruturas tecnológicas modernas continuam perpetuando as desigualdades de gênero e raciais (Yarrow, 2022). A chama misoginia visual, demonstração de ideais contra as mulheres, abuso e disseminação de discursos de ódio através texto, imagens e edições que as diminuem e estereotipam, é uma prática comum nas plataformas de redes de mídia sociais que propagam narrativas machistas, sendo necessário um estudo minucioso de como a tecnologia transformou a cultura moderna e suas repercussões para o bem e para o mal de movimentos sociais (Özkula, Prieto-Blanco, Tan Mdege, 2024).

## 2.4 A construção de um caminho

Por muito tempo, o feminismo foi considerado um tabu por completo; muitas mulheres não queriam ser associadas ao movimento devido ao preconceito e à desinformação que recaíam sobre a luta. Ainda hoje, embora muito mais discutido e exposto na sociedade, há alguns desentendimentos sobre o que ele representa.

O feminismo surgiu como um movimento social que visa acabar com as desigualdades e abusos contra a mulher que uma hierarquia patriarcal impôs na sociedade. O movimento não busca colocar as mulheres no topo da pirâmide, substituindo a posição do homem, trata-se da busca pela equidade, que pode levar à igualdade de gênero. No estudo “Feminismo e machismo na escola: desafios para a educação contemporânea” (Fialho e Souza, 2019) realizado com profissionais de ensino infantil e fundamental de uma escola, revelou que os professores não tinham conhecimento suficiente para discutir os conceitos. Enquanto a maioria concordava que o machismo representava a superioridade do homem, a definição de feminismo variava entre, um movimento das mulheres poderem ocupar mais espaço nas esferas públicas e profissional, e um movimento radical da superioridade feminina. Também foi observado no estudo que as temáticas não eram abordadas em sala, não havia projetos desenvolvidos para discutir a questão de gênero e a falta de intervenção por parte dos professores ante atitudes discriminatórias dos alunos. Isso nos mostra mais uma vez, que além do gênero ser uma construção social, seu aprendizado está enraizado  nos anos formativos de uma pessoa.

É necessário dizer que há muitas particularidades e recortes sociais em diversos países; o movimento feminista não foi o mesmo para mulheres brancas, pretas, ricas e pobres.

O feminismo ocidental é divido em 4 "ondas" que marcaram as lutas da revolução feminina. Essa representação surgiu em 1968 quando a jornalista Martha Weinmann Lear publicou um artigo no famoso jornal americano The New York Times, com o título *"The Second Feminist Wave"* ("A Segunda Onda Feminista"), reconhecendo que a primeira onda foi o movimento sufragista dos anos 60. A terminologia se espalhou rapidamente e é amplamente utilizada até os dias atuais, porém, não há definição exata do início e término de cada onda (National Women's History Museum, 2021).

A primeira onda iniciou em meados do século XIX e durou até a Primeira Guerra Mundial, a época foi marcada pelo movimento das sufragistas que reivindicavam o direito ao voto (conhecido como sufrágio). A autora Céli Pinto (2010) afirma que no Brasil, a luta foi liderada pela ativista e bióloga Bertha Lutz (1894 - 1976), que também foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que divulgou a campanha em prol do voto da mulher. Em 1927, um abaixo-assinado chegou ao Senado com o pedido de aprovação do Projeto de Lei que permitia o voto à mulher, cinco anos depois, o direito foi conquistado, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro.

A segunda onda se estendeu de 1960 até a década de 80 e foi marcada pela busca da igualdade entre homens e mulheres e reivindicação de direitos básicos, como a igualdade ao acesso à educação, saúde e trabalho. No Brasil foi apenas em 1962 que mulheres alcançaram o direito de ter contas bancárias independentes, sem precisar de permissão de seus maridos ou pai, pois eram dadas pela lei como "incapazes" (BRASIL, 1916).

A terceira onda ganhou destaque a partir da década de 1990, quando a discussão se tornou mais inclusiva, em uma tentativa de corrigir as lacunas que as ondas anteriores deixaram, dado que foi um movimento pensado especialmente para mulheres brancas, de classe média e alta e intelectuais (bell hooks, 1984). Nesse momento, a palavra "intersecção" se torna o foco da narrativa (Crenshaw, 1989). Ao entender que mulheres não possuem uma experiência única, dependendo de sua cor, classe social, sexualidade, religião, a mulher pode enfrentar diversas formas de opressão. No Brasil, o marco da luta foi a aprovação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e que foi

a primeira e principal ferramenta jurídica brasileira que protege as mulheres contra violência física, sexual, psicológica, patrimonial e moral, assim como estabelece medidas protetivas contra os agressores.

A quarta onda, que iniciou em meados de 2013 e se mantém até os dias de hoje, é caracterizada pela mobilização através da internet, maior análise interseccional e pelas denúncias e mobilizações (Perez; Ricoldi, 2023). Um dos movimentos mais proeminentes, chamado #MeToo (fundado pela ativista Tarana Burke), tomou conta de Hollywood quando mulheres começaram a denunciar e expor os assédios que sofriam por trás das câmeras pelo produtor Harvey Weinstein. Em 2015, no Brasil, o feminicídio se tornou crime com a sanção da Lei nº 13.104, se tornando um marco para a luta feminista. Em 2024 a lei passou por alterações e passou a ser qualificado como um crime autônomo e independente com punições mais severas do que as apresentadas quase 10 anos antes. Muitas das reivindicações da quarta onda são continuações das demandas antigas, buscando igualdade de oportunidade, equidade, fim à discriminação de gênero e com lutas que reconhecem todas as comunidades.

# 3.
# DESIGN COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL

A relação do design com objeto e sujeito - produto e consumidor - foi se alterando com o passar dos anos e se ajustando com as demandas de cada época. No artigo “Design ativismo como prática cidadã contemporânea” (Junior *et al.*, t2020) os autores discorrem sobre a importância do design atual ser uma ferramenta essencial em movimentos político-sociais que ultrapassam a esfera comercial:

> Estabelecer relações entre design, política e sociedade, através da atuação ativista e da prática cidadã, direcionadas às necessidades que a contemporaneidade exige, ampliam a reflexão do design para além da ação centrada no objeto, permite que novas relações se estabeleçam entre o design e o sujeito, não apenas entre o sujeito e o objeto. Essa é uma característica do design contemporâneo, um design que ajuda a retratar novas visões de mundo através das dificuldades que se multiplicam no cenário recente, promovendo ao designer atuar como um elo importante entre as questões de cunho social e político nos projetos de melhoria desta realidade (Junior *et al.*, 2020, p. 10).

Além do aspecto comercial, o design pode ser usado no ativismo para transmitir ideias, conceitos, informações, mudanças de hábitos e transgressões (Albuquerque, 2018). O design ativismo, por vezes, se tornou viral. Um exemplo que ficou mundialmente conhecido foi o pôster da campanha presidencial de Barack Obama feito em 2008, no qual a palavra "*Hope*" (Esperança) (Figura 2) aparece logo abaixo do rosto do candidato. O artista Shepard Fairey publicou a imagem em seu site e o pôster marcou as eleições para além daquele ano.

Em entrevista, Fairey afirmou que tinha a intenção de apresentar o primeiro candidato negro à presidência dos Estados Unidos, usando as cores vermelha, branca e azul da bandeira americana, e que a imagem fosse de "natureza política", sabendo que a recepção no país poderia não ser boa devido ao racismo instituicional (entrevista Heni Talk).



Figura 2 - Pôster Hope, 2008
Fonte: The Art Institute of Chicago

Algumas plataformas são dedicadas a criar conteúdos voltados ao ativismo, como por exemplo *What Design Can Do* e *Eye on Design*. As artes gráficas andam de mãos dadas com campanhas e movimentos sociais e de ativismo, tendo o poder de mobilizar e engajar politicamente. Consequência de como as pessoas consomem informação atualmente para a formação de suas identidades e consciências políticas, envolve uma experiência estética (fotografias, artes gráficas, ilustrações, vídeos) (Silva, 2021). Silva (2021) também nos mostra que houve participações ativas do design no decorrer da história, como o Atelier Populaire, que atuou durante os anos 60 na França em um período de mobilização político-social, e o Chicago Women's Graphic Collective, coletivo feminista dos anos 70 dos Estados Unidos.

No Brasil, um dos movimentos mais proeminentes é o chamado Design Ativista, que surgiu em 2018 durante o período eleitoral como uma iniciativa coletiva reforçada pelo Mídia Ninja e pela IdeaFixa. O perfil da organização no Instagram é usado como ferramenta de críticas à política nacional, crises am-

bientais e problemáticas que permeiam a sociedade brasileira, desde territórios indígenas até pautas sobre racismo e questões de gênero, “Design como ferramenta de luta: que escuta, ocupa e transforma” (Design Ativista (@designativista)).

## 3.1 Design ativismo e feminismo

Como mostrado no tópico anterior, o design e o ativismo andam de mãos dadas, refletindo a história de sociedades e suas lutas. Com o feminismo não foi diferente. Desde propagandas machistas até os pôsteres iniciais sufragistas e de libertação feminina, o design esteve presente. Neste tópico, serão analisados alguns exemplos de design ativismo junto ao feminismo e as diversas maneiras de utilizá-lo como ferramenta de luta.

O feminismo, como qualquer outro tipo de movimento, utiliza-se de símbolos e imagens para transmitir mensagens de maneira fácil e eficiente para o maior público possível. Uma das imagens mais clássicas que representou o feminismo por muito tempo não foi originalmente pensada para o movimento: a famosa propaganda do “We Can Do It!” (Figura 3) nasceu de uma tentativa de levar a mão de obra feminina para as fábricas durante a Segunda Guerra Mundial. A imagem foi ressignificada posteriormente como parte da luta feminista.




Figura 3 - We can do It!, 1943
Fonte: Google Arts and Culture

O design, como muitas das artes, pode utilizar-se da imitação, cópia, sátiras e paródias a fim de provocar críticas a trabalhos feitos anteriormente. No Brasil, em 1915, um médico criou um remédio “milagroso” que prometia acabar com “manchas, caspas, suor dos pés e sovaco, espinhas etc.” das mulheres (Souza; Gomes, 2021). O anúncio contava com ilustrações de uma mulher (Figura 4) que aparenta estar pronunciando o nome do medicamento, sílaba por sílaba, transmitindo a ideia de ensinar às mulheres como falar o nome do remédio, como se ensina a leitura para crianças durante a alfabetização (Souza; Gomes, 2021).




Figura 4- Anúncio publicitário para Lugolina, 1915
Fonte: Enciclopédia Itaú

Na pesquisa de Souza e Gomes (2021) sobre cartazes políticos do movimento feminista, é mostrado como em 1975, em plena ditadura militar, o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) no Brasil apoiou-se na cópia, com a frase “diga conosco” do anúncio medicinal anterior, mas agora com o propósito de provocar nas mulheres uma reflexão sobre liberdade. A ideia de rostos de mulheres com as bocas abertas, como se estivessem enunciando a palavra, foi mantida, mas o foco não é mais o remédio e sim a “liberdade”, com o texto “saia da sombra, diga conos-




Figura 5 - Cartaz Saia da sombra, diga conosco liberdade, 1975
Fonte: memov.org

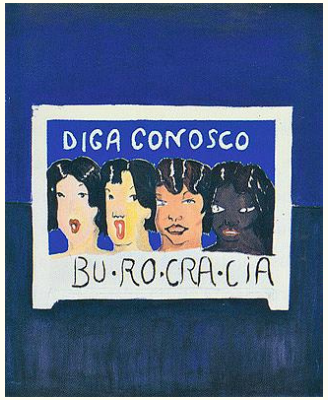



Figura 6 -Burocracia, 1978
Fonte: Enciclopédia Itaú

co — liberdade" (Figura 5). Os autores afirmam que é possível interpretar que as mulheres em vermelho se encontram nas sombras e ainda não alcançaram a liberdade, ao contrário das demais, que estão no fundo branco. Além disso, o tamanho das bocas foi alterado: o que antes era apenas uma enunciação forçada do nome do medicamento passa a representar bocas que ficam cada vez maiores, simbolizando uma liberdade de expressão crescente a cada etapa.

Já em 1978, a artista Anna Bella Geiger, em sua obra Burocracia, evoca o mesmo anúncio medicinal repetindo a frase "diga conosco", porém o foco passa a ser a palavra "burocracia" (Figura 6). As imagens se assemelham ao pôster original, com a diferença de que as mulheres representadas abrangem um público maior e mais inclusivo. A obra critica a burocracia existente no mundo das artes, especialmente para o público feminino, em um momento de repressão e censura durante a ditadura militar que o Brasil vivia.

A americana Mary Beth Edelson (1933 - 2021) foi uma ativista, pesquisadora, artista e escritora feminista. Suas obras têm viés político, social e de direitos humanos, retratando as lutas diárias das mulheres e a psicologia dos mitos e arquétipos femininos. Ao mesmo tempo, a estadunidense se utilizou de várias formas de arte, como pintura, gravura, ilustração, fotografia, escultura, artes performáticas, colagens e murais, como forma de ativismo contra o patriarcado. Algumas de suas obras denunciam as iniquidades, outras conscientizam, podem trazer desconforto, ou como em sua coleção de obras mais conhecidas, Mary Beth traz à luz mulheres que não foram reconhecidas em tempos passados, se apropriando de pinturas famosas e as ressignificando, substituindo os homens das pinturas por colagens de figuras femininas icônicas (Figuras 7 e 8).




Figura 7 - Some Living American Women Artists, 1972
Fonte: Acervo MoMA




Figura 8 -Death of Patriarchy / A.I.R. Anatomy Lesson, 1976
Fonte: Acervo MoMA

A também estadunidense, Betty Tompkins (1945 - ), foi pioneira na arte feminista nos anos 60, e ficou famosa por utilizar suas obras para provocar reflexões sobre como a mulher é vista na sociedade, desejos sexuais e o corpo feminino. Em um de seus trabalho, chamado "*Women words*" (tradução livre "Palavras de mulheres"), Tompkins juntou palavras/frases usadas para descrever as mulheres usadas na mídia, cultura popular, discursos políticos e pediu ajuda do público para enviarem por email palavras, desde positivas até pejorativas, que eles próprios já ouviram, recebendo cerca de 3.500 respostas (Figuras 9 e 10). A coleção durou de 2002 a 2013 com cerca de 1200 telas, que compunham cenas estereotipadas de mulheres e obras de arte clássicas, com a intervenção das palavras sobre as figuras femininas. De acordo com uma matéria sobre a artista da The Flag Art Foundation (2016), as quatro palavras mais usadas foram "mãe", "vadia", "vagabunda" e "boceta", mostrando uma predominância de descrições pejorativas que tratam a mulher como um objeto sexual.

O grupo americano Guerrilla Girls, que realiza exposições e protestos expondo o preconceito contra mulheres e pessoas não brancas em filmes, política, arte e cultura pop no mundo todo, utiliza artes gráficas desde 1985 e ficou conhecido pela abordagem disruptiva do design ativismo. Por ser um grupo anônimo, as integrantes nunca revelam suas identidades, utilizando máscaras de gorila em aparições públicas. Seu portfólio conta com pôsteres de rua, banners, livros, vídeos e ações que podem ser desde uma intervenção espontânea até um projeto institucional, como foi o caso da parceria com o Museu de Arte de São Paulo (MASP) em 2017 (Figura 11). O projeto contou com artes que criticavam a diferença gritante entre o número de artistas mulheres no acervo de museus e a quantidade de nus femini-

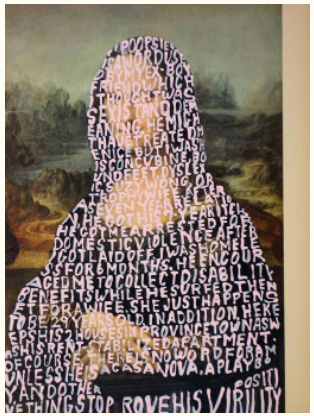


Figura 9 - Women Words #51, 2017
Fonte: anneofcarversville



Figura 10 - Women Words #11, 2019
Fonte: rodolphejanssen

nos expostos. Em seu site, Guerrillas Girls afirmam “Nós acreditamos em um feminismo interseccional que luta pelos direitos humanos de todas as pessoas”. Aqui é possível observar um design mais informacional, com artes que trazem dados concretos sobre aquilo que estão criticando.




Figura 11 - As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?, 2017
Fonte: Acervo MASP

Guerrilla Girls nos apresenta uma arte informativa, feminista, sempre se apoiando em cores fortes e imagens chamativas, tipografias em negrito e de fácil leitura. A abordagem do grupo é como se suas artes fossem um grito, alto, claro e para todos ouvirem. Alguns exemplos de intervenções do grupo pelo mundo, expõem as características citadas. Nas imagens abaixo, o grupo compara a democracia com comidas típicas de países, afirmando que uma clássica torta de maçã americana não é de fato uma torta sem sorvete, da mesma maneira, “não é democracia sem feminismo - feminismo é democracia, equidade e justiça para todos os gêneros” (Figuras 12 e 13).

## 3.2 Design ativismo feminista no Brasil

No Brasil, há diversos nomes contemporâneos que utilizam as práticas do design como ferramenta de luta feminista e de defesa dos direitos humanos. A seguir, uma breve coletânea de artistas que contribuem para essa luta, cada uma à sua maneira.




Figura 12 - Não é torta de maçã sem creme! Não é democracia sem feminismo!, 2023
Fonte: Guerrilla Girls

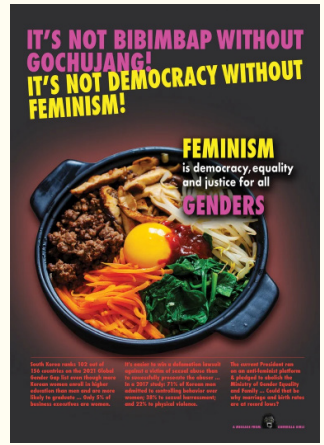



Figura 13 - Não é bibimbap sem gochujang! Não é democracia sem feminismo!, 2023
Fonte: Guerrilla Girls

Helô D'Angelo é ilustradora e quadrinista, autora dos quadrinhos Pequeno manual de defesa pessoal (história focada na comunidade LGBTQIAPN+ e em mulheres, envolvendo sua segurança pessoal) e Nos olhos de quem vê, um relato sobre a experiência da própria autora com os padrões de beleza impostos às mulheres. Suas ilustrações retratam desde a vida cotidiana até problemáticas sociais, feministas e de direitos humanos (Figuras 14 e 15). Em suas obras, Helô utiliza um estilo de desenho remetendo histórias em quadrinho, com ilustrações inclusivas de raça e gênero, que pode deixar a leitura dos textos e das imagens mais entretidas, diferente de obras literárias que por vezes podem apresentar conteúdo mais pesados e complexos e não ser acessível para todos. A artista usa imagens gráficas para abordar assuntos complexos e tabus, a leitura fica leve, mas não deixa de evidenciar a importância das temáticas.




Figura 14 - Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5: Igualdade de gênero
Fonte: helodangelo.com.br




Figura 15 - Escolhas
Fonte: helodangelo.com.br





Figura 16 - A ancestral do futuro
Fonte: projetoafro.com

Criola é uma artista visual urbana de Belo Horizonte, com trabalhos espalhados pelo Brasil, além de França, Bielorrússia e Estados Unidos. Produz artes em murais e empenas que evocam o papel da mulher negra na sociedade e a importância de seu protagonismo, sempre com cores vibrantes, inspiração na fauna e flora brasileira e nos grafismos de matrizes africanas. É possível notar o uso de cores vivas e fortes, que dão destaque para suas obras que são expostas a céu aberto e rodeadas de distrações da cidade, e se complementam com as figuras geométricas tradicionais de padrões e tecelagem afro-brasileira. Criola, dessa maneira, insere de maneira literal a grandiosidade da mulher negra e elementos da cultura e religiões de matrizes africanas, combatendo a invisibilidade e indo contra a narrativa histórica do seu papel na sociedade ocidental.



Figura 17 -Híbrida Astral – Guardiã Brasileira
Fonte: projetoafro.com

Laura Athayde é quadrinista e ilustradora de Manaus. Criou a série de histórias em quadrinhos Aconteceu Comigo — Histórias de mulheres reais em quadrinhos, uma coletânea de relatos de 70 mulheres que vivenciaram situações de discriminação e opressão. A autora traz à luz a experiência de diversas mulheres que foram diminuídas pela cultura patriarcal, e assim como muitas das artistas aqui citadas fazem e como foi discutido anteriormente, a importância de não apagarmos a história para que dessa maneira os erros não sejam repetidos. Laura deu voz a essas mulheres através de seus quadrinhos, e mesmo às vezes sendo relatos difíceis de digerir, suas experiências foram vistas, ouvidas e validadas, expondo  situações e comportamentos inadequados consequentes do machismo.




Figura 18 - Aconteceu comingo
Fonte: Domestika




Figura 19 - Aconteceu comingo
Fonte: Mina de HQ





Figura 20 - Liberdade (CRAM)
Fonte: cristinapanganelli

Cristina Pagnocelli é designer, artista visual e muralista. Utiliza as ruas para criar suas artes com temáticas feministas, acreditando ser essa uma ferramenta para construir um mundo com mais equidade para as mulheres (Pagnocelli, online). A designer mistura ilustrações com sua especialidade em tipografia, construindo imagens, palavras e frases impactantes. Possui diversos projetos voltados para o empoderamento das mulheres, como o “Lute todos os dias”, que conta com a produção de calendário por mulheres cis, trans e não binárias, oficinas gratuitas, exposições coletivas e pintura de murais. Cristina abre espaço para mulheres produzirem e subverterem a narrativa da inferioridade feminina, através da militância, críticas sociais e sororidade.




Figura 21 - Seaport Mural Festival
Fonte: cristinapanganelli

Heloísa Marques é arquiteta e artista visual pernambucana. Mistura colagens e bordado para criar obras complexas, cheias de significado e críticas sobre liberdade e o corpo feminino. Heloísa explora todas as ferramentas ao seu dispor, ao utilizar o bordado, o que antes era um exercício doméstico ligado às mulheres, o tornou em expressão e traz foco estratégico para suas artes. Ela também se utiliza de recortes de jornais, fotografias da infância e objetos de memória para criar obras íntimas e cheias de críticas.




Figura 22- Como os pássaros sabem eu sei: sou uma mulher a céu aberto
Fonte: Instagram @heloisamarques_




Figura 23-Sou dessas mulheres que só dizem talves
Fonte: Instagram @heloisamarques_

Esses exemplos demonstram que o design gráfico feminista dispõe de um repertório consolidado de estratégias visuais — apropriação, ironia, contraste informacional, cores vibrantes e tipografia expressiva. No próximo capítulo, essas referências serão sistematizadas para orientar o desenvolvimento do projeto gráfico proposto neste trabalho.

# 4.
# METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO PROJETUAL

A presente pesquisa foi estruturada a partir do estudo teórico sobre as relações de poder e sua extensão no feminismo. Quanto à abordagem utilizada, o foco foi a pesquisa qualitativa, buscando uma análise bibliográfica e documental, e interpretação

de conceitos de gênero, patriarcado e ativismo, assim como análise documental de obras e artes gráficas feitas em contextos de militância, ativismo feminista e de exaltação da mulher, observando o contexto histórico em que foram criadas e o que criticam.

A inspiração inicial para a criação de artes gráficas como um dispositivo de luta foi inspirada a partir das postagens da designer norte-americana Jessica Walsh. Ela e sua equipe utilizam a plataforma do Instagram, misturando fotografias com intervenções digitais, vídeos e inteligência artificial para criticar diversas pautas políticas e de direitos humanos dos Estados Unidos.




Figura 24- Comer saudável não devia ser privilégio (tradução livre)
Fonte: Instagram @jessicavwalsh

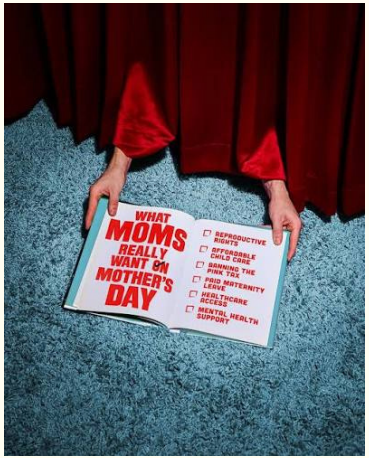



Figura 25 - O que as mães realmente querem no Dia das Mães.
Direitos reprodutivos. Creches acessíveis. Proibição do Pink Tax. Licença maternidade paga. Acesso à saúde. Suporte à saúde mental
(tradução livre)
Fonte: Instagram @jessicavwalsh




Figura 26 - Você não pode banir a verdade (tradução livre)
Fonte: Instagram @jessicavwalsh

## 4.1 Briefing e Quadro semântico

Para orientar o desenvolvimento das artes criadas para essa pesquisa, foi feito o briefing e persona para dois projetos, a fim de garantir coerência dentros das coleções, como conceito, linguagem visual e público-alvo. As coleções foram divididas em dois eixos, um se apoia na denúncia e exposição de dados, a segunda, no resgate histórico.

A primeira coleção, intitulada “Onde está?”, propõem provocar o público através de denúncias visuais baseadas em dados estatísticos do Brasil sobre a violência contra a mulher. O tom das artes segue a linha da provocação, seriedade, denúncia e incisividade, com referências de uma estética de arte de rua para remeter ao protesto urbano. O intuito das imagens é causar desconforto e reflexão, seja através das imagens ou dos dados. Pensadas para ocupar espaços digitais (posts em plataformas midiáticas) ou urbanos (lambe-lambe).

Essa coleção foi pensada para atingir um público jovem adulto, que são engajados em pautas sociais, participam de movimentos estudantis ou culturais e são atuantes em redes sociais. A persona orientadora dessa coleção é Maria Luiza, uma estudante de 23 anos de Jornalismo que é ativa em movimentos estudantis de sua faculdade. Ela consome notícias sobre política, cultura e o que está acontecendo ao redor do mundo, e se tornou ativa na luta contra à desigualdade de gênero quando começou seus estudos no ensino superior, quando teve mais contato com o assunto. Lida com as frustrações de aprender como a cultura patriarcal está enraizada na sociedade brasileira, mas se sente empoderada ao ver tantas mulheres em posições de liderança nas várias esferas sociais e políticas.

A segunda coleção, intitulada “É normal, né?”, propõem um resgate de informações históricas sobre proibições e negligências para com as mulheres de forma mais irônica, instrutiva e acessível. A linha a ser seguida nessa coleção é de um tom mais amigável, através de uma paleta de cores mais brandas e colagens que misturam elementos modernos (representando as conquistas) com mais velhos (representando as proibições). Pensada para ser compartilhada em redes de midias sociais.

A persona orientadora desta coleção é Adriana, 37 anos, uma professora de ensino fundamental que iniciou os estudos da história do feminismo faz alguns meses, por consequência de situações na escola que a levou a questionar a diferença de tratamento entre os gêneros. Adriana nunca foi ativa em

movimentos feministas, mas devido a exposição dos comportamentos machistas em redes sociais e notícias, ela conseguiu perceber o reflexo da cultura patriarcal dentro da sala de aula. Seu objetivo é trazer para seus alunos a história dos papeis de gênero e sua construção social, buscando sempre materiais acessíveis ou tentando fazê-los ela mesma.

O processo de criação das artes iniciou com um moodboard feito a partir dos conceitos de design, ativismo, feminismo e interseccionalidade. A autora bell hooks, o grupo ativista Guerrilla Girls, a página midiática de Jessica Walsh e o curso "Gênero e Interseccionalidade", oferecido gratuitamente pela Universidade da Islândia por meio da plataforma Coursera, foram as principais inspirações para o projeto.




Figura 27 - Quadro semântico
Fonte: Arquivo pessoal

### 4.1.1 Coleção “Onde está?”

A coleção intitulada “Onde está?” é um conjunto de criações gráficas que criticam a hipocrisia da sociedade para com as mulheres. A ideia nasceu da aula “Gênero e Nacionalismo” do curso “Gênero e Interseccionalidade” (curso online gratuito oferecido pela Universidade da Islândia), em que foram analisados pôsteres políticos de diferentes épocas e países e quais simbologias foram se tornando mundialmente conhecidas. Constatou-se que, enquanto a figura masculina representava os conceitos de desenvolvimento, força, guerra e tecnologia, a figura feminina era representante de conceitos que precisam ser protegidos pela e para a sociedade, como justiça, vitória, esperança e liberdade.

Os números de casos de qualquer tipo de atentado contra a mulher apenas cresceram no Brasil nos últimos anos, como mostrado anteriormente, evidenciando a contradição histórica entre o que a mulher pode representar e como ela é vista e tratada pela sociedade. O intuito dessa coleção foi trazer uma estética mais suja e que provocasse desconforto no público, com figuras mais agressivas, tipografias mais brutas e encorpadas e cores chamativas. Aqui, o desconforto é utilizado como uma ferramenta para desnaturalizar a violência contra a mulher e a hipocrisia em discursos sobre justiça, liberdade e esperança na sociedade.

Para evocar um estética que provocasse desconforto, primeiramente, o limiar das imagens foram manipuladas no Photoshop para que assim, fosse evidenciado apenas pontos de sombra e de luz. Essa edição faz com que os detalhes da imagem sejam removidos, retirando o aspecto de realidade da foto. O uso do limiar também consegue se assemelhar ao estêncil, técnica de produção rápida, ligada ao clandestino e protestos por ser uma arte urbana. Em adicional, foi feita uma intervenção nas fotografias com sprays de artes urbanas para evocar novamente um tipo de denúncia pública, que transgride a aparência das mulheres retratadas e funciona como um protesto, remetendo à estética do design de protesto discutidos na seção 2.4.

O rosa foi escolhido propositalmente para evocar o que sempre foi relacionado ao feminino, mas colocado em um contexto que se encontra longe da “delicadeza” ensinada desde a infância às mulheres, uma subversão dos estereótipos de gênero discutidos na introdução deste trabalho. A cor, ao lado das imagens, texturas e tipografia, opera como uma ressignificação, o rosa que antes representava passividade, agora é um elemento de protesto. Junto

com o rosa, as cores preto e branco funcionam como pontos de destaque para os textos e as imagens.

A tipografia usada nos títulos foi a Nexa Rust Sans, uma fonte sem serifas, encorpada e apresentando algumas falhas em seu preenchimento, que adiciona na estética “suja” do trabalho. A fonte possui peso e um aspecto “gasto“, como se tivesse sido mal impressa ou carimbada, reforçando novamente a ideia de protesto urbano.

A aplicação das artes dessa coleção foram pensadas principalmente no formato de pôsteres, a fim de ocuparem um espaço urbano. De acordo com Ellen Lupton (2015) o cartaz é uma peça gráfica que pode interagir com os pedestres, seja de longe ou perto. Títulos e figuras grandes e de alto contraste chamam a atenção de quem está de longe, e as informações secundárias fornecem uma mensagem mais completa para quem se aproxima, a pessoa foca na informação que lhe é mais interessante ou conveniente.

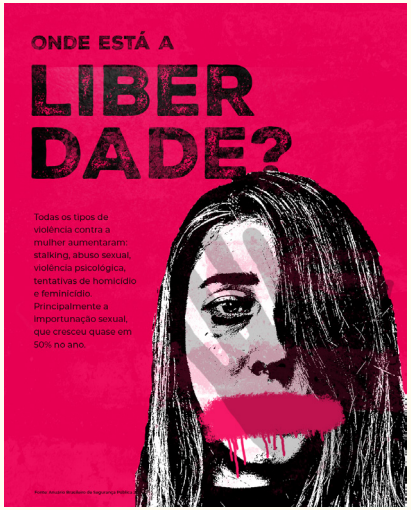
Silva e Veneroso (2016), afirmam em “Arte Gráfica de protesto: reflexões acerca dos cartazes políticos das jornadas de junho”, que o cartaz político expõe o estado de emergência de uma sociedade e tem como objetivo a educação universal referente às situações ou crises vividas (p. 610). Sendo assim, o cartaz se mostra como uma poderosa ferramenta de mudanças políticas e sociais, intervenção urbana e exposição de dados, se encaixando no propósito da coleção “Onde está?“.




Figura 28 - Coleção “Onde está?“
Fonte: Arquivo pessoal

Cada arte traz uma pergunta para causar reflexão sobre o tema — “Onde está a justiça?”, “Onde está a liberdade?” e “Onde está a esperança?” — junto com dados e estatísticas do Brasil que colocam à prova se as mulheres possuem de fato igualdade diante desses conceitos. Essa abordagem informacional dialoga diretamente com a estratégia do grupo Guerrilla Girls, analisada na seção 2.4, que utiliza dados concretos para denunciar desigualdades.

As imagens foram propositalmente utilizadas de maneira a causar desconforto e choque no espectador, pois assim como os números de feminicídios e abusos contra a mulher chegam a ser assustadores, essa coleção foi criada para incomodar o público e ser uma afirmação de que a história não pode ser esquecida para ser mudada, como foi discutido no início do projeto.













Figuras 29, 30, 31 e 32 - Coleção “Onde está?“
Fonte: Arquivo pessoal



# ONDE ESTÁ A JUSTIÇA?

Mulheres dedicam quase o dobro de horas em trabalhos domésticos e cuidados de pessoas em relação aos homens. Em 2022, foi registrado que mulheres gastam 21,3 horas semanais com esses afazeres, contra 11,7 horas dos homens.

Fonte: IBGE 2022



# ONDE ESTÁ A JUSTIÇA?

Mulheres dedicam quase o dobro de horas em trabalhos domésticos e cuidados de pessoas em relação aos homens. Em 2022, foi registrado que mulheres gastam 21,3 horas semanais com esses afazeres, contra 11,7 horas dos homens.

Fonte: IBGE 2022

# ONDE ESTÁ A LIBERDADE?

Todas os tipos de violência contra a mulher aumentaram: stalking, abuso sexual, violência psicológica, tentativas de homicídio e feminicídio. Principalmente a importunação sexual, que cresceu quase em 50% no ano.



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública

ONDE ESTÁ A LIBERDADE?

Todas os tipos de violência contra a mulher aumentaram em 2024: stalking, abuso sexual, violência psicológica, tentativas de homicídio e feminicídio. Um dos principais foi a Importunação sexual, que cresceu quase em 50% no ano.



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024


ONDE ESTÁ A
ESPERANÇA?
O Brasil registrou o maior número de feminicídios em 2024 desde que foi considerado um crime (2015). Ao todo, 1492 mulheres foram vítimas de homicídio por serem mulheres.
Brasileiro de Segurança Pública 2024

### 4.1.2 Coleção “É normal, né?”

A segunda coleção, intitulada “É normal, né?”, foi feita com o intuito de mostrar as possibilidades de uma linguagem diferente, de plataformas de livre acesso ao público e mostrar que o design ativista pode e deve ser praticado por todos, não dependendo apenas de ferramentas pagas e de pessoas que estão inseridas no contexto gráfico. A inspiração para produzir algo utilizando meios mais acessíveis veio a partir da leitura de Azevedo (2020), em que a autora reflete sobre a importância da produção do design ativismo além da estética (p. 241).

O que me fez refletir sobre a importância do design ativismo não ser limitado apenas para pessoas inseridas na área, e sim uma ferramenta que pode ser utilizada por todos, um poderoso dispositivo de militância gerado pela acessibilidade. Essa coleção também foi inspirada a partir de pequenos pedaços de informação que eu tinha acesso durante o dia a dia, através de livros, páginas de redes sociais e filmes, que me surpreenderam ao descobrir que coisas que hoje achamos normais, até um tempo atrás eram proibidas às mulheres.

A coleção foi feita no Canva, com colagem digital, misturando fotos e recortes (fragmentos da história), com elementos que quebram a narrativa da realidade, como colagens de recortes de papel, desenhos, figuras geométricas e flores, brincando com diferentes proporções e tamanhos. Essa quebra de narrativa faz com que as temáticas abordadas sejam lidas com mais ironia. Cores pasteis, que são cores suaves, junto com as colagens de flores, que remetem à delicadeza e cuidado, se chocam com as informações que trazem um teor revoltante.

A tipografia escolhida (29LT Makina) se assemelha à de uma máquina de escrever, uma fonte que carrega uma certa bagagem histórica por ser semelhante às utilizada em jornais antigos, boletins e documentos oficiais ou confidenciais. Dessa maneira, funciona como uma lembrança de notícias de jornais, como se as as criações estivessem revelando informações inéditas para o espectador, mas que hoje em dia não passam de comportamentos ou atividades rotineiras. Comparada à primeira coleção, a segunda possui um aspecto mais “divertido”, com a colagem e uma paleta de cores mais sutil e pastel, mas não deixa de mostrar os absurdos que hoje temos como coisas normais.

Essa coleção foi planejada para ocupar espaços digitais, primeiramente porque as obras foram produzidas em duas partes (capa com uma pergun-

ta, seguido da explicação), plataformas midiáticas como o Instagram oferecem um espaço em que é facil entregar artes com mais de uma foto/figura. A capa funciona como um gancho visual, a partir do interesse do usuário, ele pode passar para a segunda imagem (como em um post no formato de carrossel, em que várias fotos estão compiladas em um mesmo post). Os conteúdos, embora reveladores, não foram pensado para chocar, como na coleção anterior, mas sim trazer um reflexão para o público. No formato digital o espectador pode ver e rever quantas vezes quiser, compartilhar com outras pessoas e pesquisar sobre o assunto.

A colagem funciona como uma ferramenta objetiva nessa coleção. Ao introduzirmos os recortes impressos nas obras que não pertecem aos dados históricos, o significado primário da imagem é rompido e desvinculado de sua origem, abrindo espaço para um novo significado ou interpretação através de uma nova composição visual. O recorte deixa de ser um elemento passivo do passado e assume um novo papel, um signo ativo que constrói novos discursos e denúncias (Silva, 2022). Dessa maneira é possível trazermos dados do passado para o presente com um novo olhar, um novo pensamento crítico e novas formas de lidar e lutar contra as desigualdades de gênero.

A fala de Simone de Beauvoir sobre como não nascemos mulheres, mas nos tornamos, remetendo ao aspecto social dos papéis de gênero, foi uma das inspirações para essa coleção. Me trouxe a reflexão sobre quais seriam os avanços da sociedade se tais proibições não recaíssem em metade da população, impedindo as mulheres de produzir, criar e pensar.

É normal ir ao banco, né?



Pois no Brasil, foi apenas em 1962 que as

as mulheres puderam abrir contas bancárias

sem a permissão do pai ou marido

Figura 33 - Coleção "É normal, né?"
Fonte: Arquivo pessoal



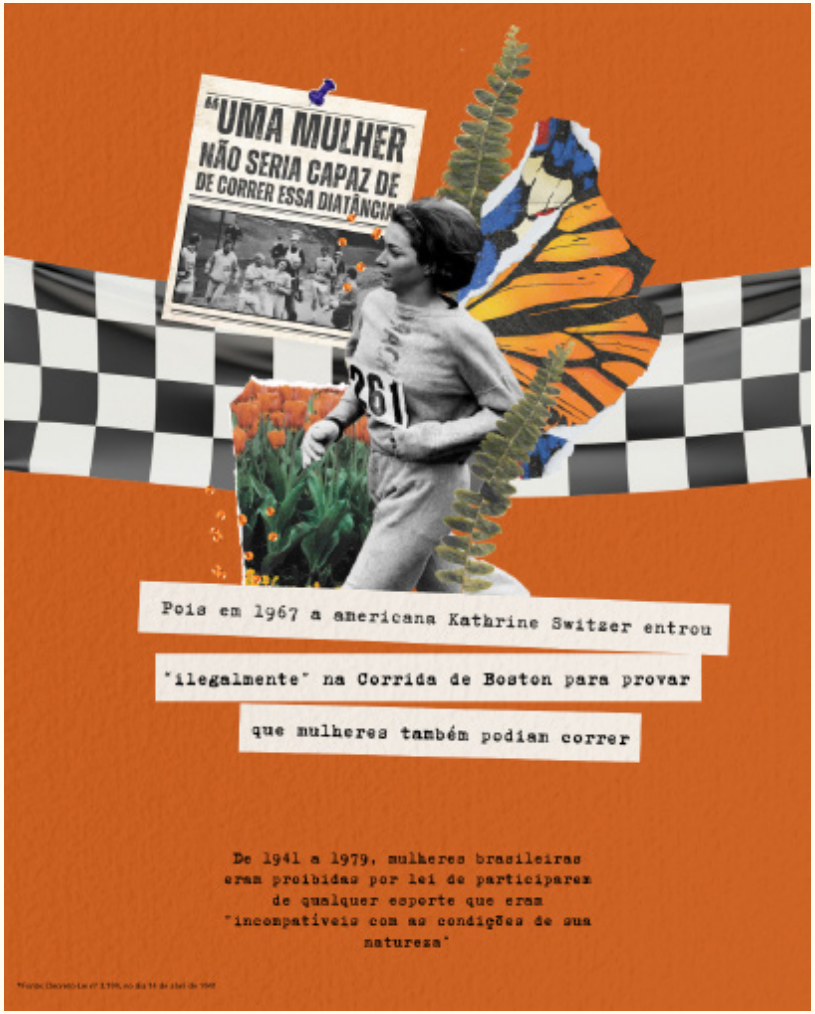




Figura 34 - Coleção "É normal, né?"
Fonte: Arquivo pessoal

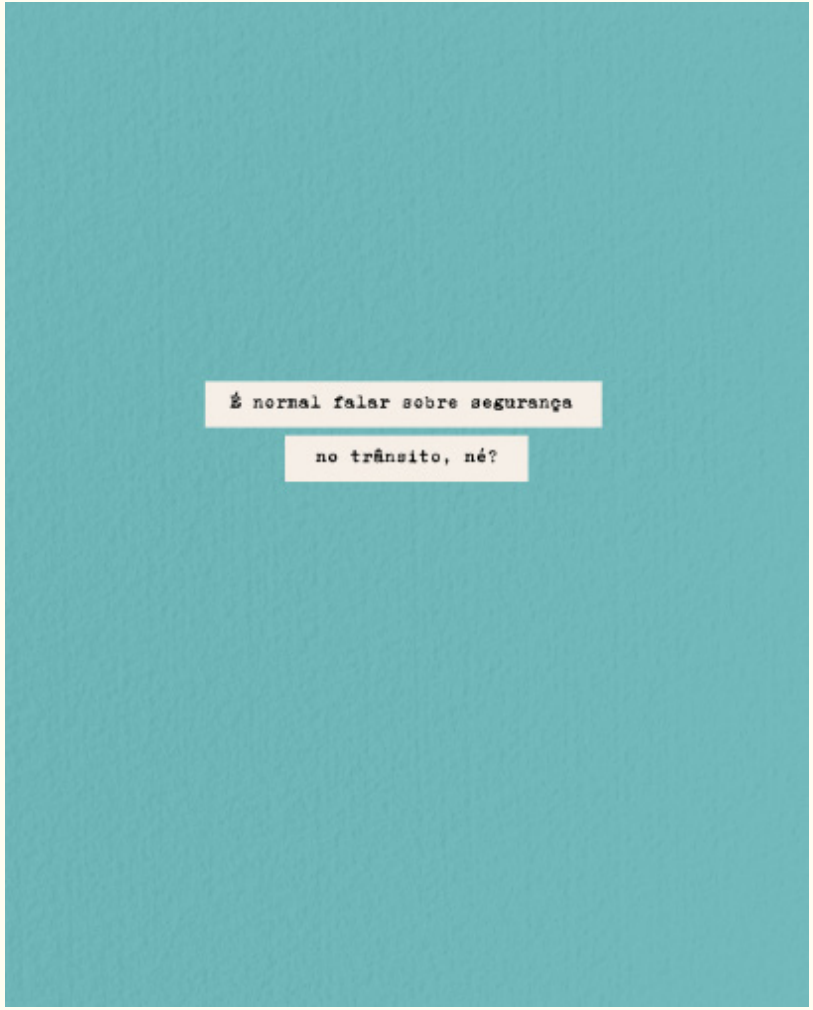
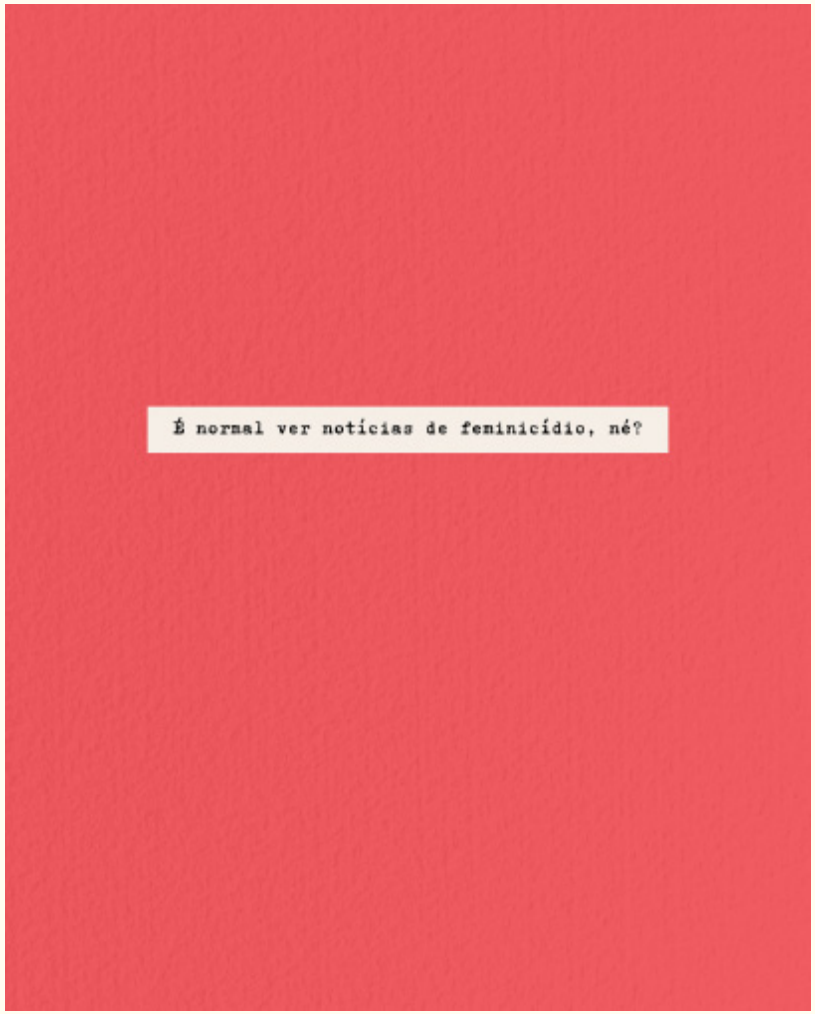






Figura 35 - Coleção "É normal, né?"
Fonte: Arquivo pessoal



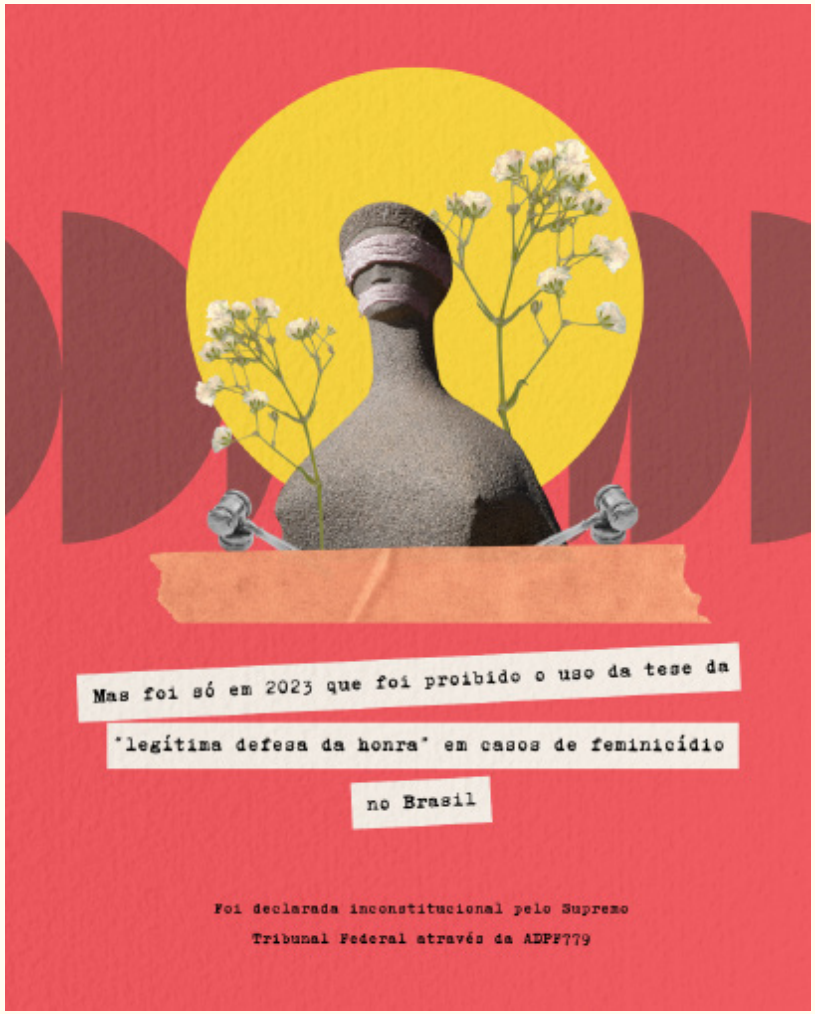




Figura 36 - Coleção "É normal, né?"
Fonte: Arquivo pessoal

# 5.
# CONCLUSÃO

A pesquisa Design Como Ferramenta de Ativismo Feminista teve como objetivo investigar o design gráfico como uma poderosa ferramenta de ativismo ao combate à desigualdade de gênero e o machismo estrutural, assim como aplicá-lo em criações próprias. Como foi visto

nos muitos exemplos nessa pesquisa, muito se utiliza do design gráfico para sintetizar debates complexos, suavizar temáticas que podem não ser bem vistas, desconstruir estereótipos e ultrapassar barreiras linguísticas, sendo assim deixando a discussão mais acessível ao público. Vimos que o papel do design vai muito além de uma atividade estética ou de capital, mostrando que pode atuar como um poderoso dispositivo de transformação política-social.

Ao longo do referencial teórico, pincelamos o histórico da opressão de gênero, e como ele se consolida através das relações de poder, alteridade e da construção social da inferioridade feminina que formam a base do sistema patriarcal que vivemos até os dias atuais. Grupos como Guerrila Girls e as inúmeras artistas citadas aqui, mostram como a transposição desses conceitos complexos e sociais para criações visuais, são traduzidos em obras capazes de causar reflexões, incômodo, “gritos de guerra” e protestos na luta feminista. As artes criadas nessa pesquisa visavam dar visibilidade às pautas feministas e acesso ao debate para pessoas não só dentro do contexto gráfico.

No entanto, a amplitude da temática impôs certas limitações neste trabalho, sendo necessário escolher algumas perspectivas para serem abordadas, sabendo que a história da desigualdade de gênero e do feminismo, que se interseccionam com raça, classe, religião e sexualidade, são debates muito mais profundos e com muito mais história, não sendo possível contemplar todos. Este trabalho visou abordar o design como um dispositivo na luta de maneira abrangente, mas não deixa de ser necessário pesquisas mais aprofundadas sobre o papel das artes gráficas em cada uma das interseccionalidades citadas anteriormente.

Por fim, principalmente na era da informação em que vivemos, o design, além de sua característica mercadológica, é uma ferramenta poderosa nas lutas sociais, funcionando como um ato de resistência e protesto. O design permite projetar imagens, traduzir ideias, passar mensagens de maneira acessível para seu público, passo fundamental em direção a um futuro com uma sociedade que preze, sobretudo, igualdade e equidade de gênero.

# 6. REFERÊNCIAS


Albuquerque, Elisabete Maria de. **Design gráfico em tempos de ativismo.** Recife, 2018.

Alteridade. *In*: Michaelis, **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa.** Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=alteridade. Acesso em: 04/08/2025.

Alves, José Eustáquio Diniz. **Desafios da equidade de gênero no século XXI.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 629-638, maio/ago. 2016.

**Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024.

Aristóteles. **Política**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. v 2.

Beauvoir, Simone de. O **segundo sexo: fatos e mitos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. v 1.

Benti, B. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio/ago. 2011.

Biderman, Maria Tereza Camargo. **Formas de tratamento e estruturas sociais.** Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 18/19, p. 339–382, 1972–1973.

Bolsanello, M. A. **Darwinismo social, eugenia e racismo "científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras.** Educar, Curitiba, n. 12, p. 153-165, 1996. Editora da UFPR.

BRASIL. **Lei nº 3.071**, de 1º de janeiro de 1916. Código Civil.

Brauer, Jussara. **O outro em Lacan: consequências clínicas.** Psicol. USP v.5 n.1-2 São Paulo 1994.

Chartier, Roger. **Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 4, p. 37–47, 1995.

Crenshaw, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics.** University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989, Article 8.

**Design Ativista** (@designativista). Plataforma: Instagram. Acesso em: 11/08/2026.

Fairey, Shepard. S**hepard Fairey on the Obama HOPE Poster, Copyright Lawsuits and Street Culture.** HENI Talks: Canal do Youtube, 26/07/2026. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7lsNMQDLoGw. Acesso em: 16/08/2026

Fialho, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. **Feminismo e machismo na escola: desafios para a educação contemporânea.** Interfaces Científicas - Educação, Aracaju, v. 8, n. 1, p. 35–50, 2019 .

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2**0º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2026.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2026/07/anuario-2026.pdf. Acesso em: 9 ago. 2026.

Foucault, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

Foucault, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Freud, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936).** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18, p. 371-398.

GFK BRASIL. **Brasileiras dedicam mais de 5 horas semanais a cuidados com a aparência, diz estudo da GfK.** São Paulo, 27 jan. 2016. Disponível em: https://cdn2.hubspot.net/hubfs/2405078/cms-pdfs/fileadmin/user_upload/dyna_content/br/documents/press_releases/20160127_pr-study_reasons-look-good_press-release_porrev_ha1.pdf. Acesso em: 27 out. 2025.

Guerrilla Girls. Plataforma: site. Disponível em: https://www.guerrillagirls.com/
Acesso em 16/08/2026.

hooks, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro.** 1984. São Paulo: Perspectiva, 2019.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** 1999. Editora Elefante, edição 2021.

Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (IPEA). **ODS 5: Igualdade de Gênero.** Brasília, DF: Ipea, [s. d.]. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/ods/ods5.html. Acesso em: 9 ago. 2026.

Junior, J.C.M; Moura, M.C. de; Guimarães, M.J.S. **Design ativismo como prática cidadã contemporânea**. p. 465-477 Anais do Colóquio Internacional de Design 2020. São Paulo: Blucher, 2020.

**mi-so-gi-ni-a. [s.l: s.n.]**. Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/campanhas/2023/brasil-sem-misoginia/acesse-os-materiais/folderdigital-brasilsemmisoginia.pdf. Acessado em 28/08/2025

Moreira Julia Lue de Freitas Minaré; OLIVEIRA, Paula Grandi de. **Gaslighting as a psychological violence: understanding the phenomenon from the perspective of Behavior Analysis.** Perspectivas em Análise do Comportamento, v. 14, n. 1, p. 49–67, 2023. DOI: https://doi.org/10.18761/pac29a09.

National Women ‘s History Museum. **Feminismo: A Primeira Onda.** https://www.womenshistory.org/exhibits/feminism-first-wave-0. Acesso em 24/04/2026.

Neves, Flávia de Barros. Contestação gráfica: engajamento político-social por meio do design gráfico. *In:* BRAGA, Marcos da Costa (org). **O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissonal.** São Paulo: Editora Senac, 2011.

**Olhar masculino, mulheres nas telas e a anti-mocinha.** Entrevistada: Alice Carvalho. Entrevistadora: Marcela Ceribelli. Bom dia, Obvious. Episódio 284, 03/03/2025. Disponível em https://open.spotify.com/episode/6nZrrZQDX9QZUzdOUluuwC. Acessado em 09/04/2025.

Organização das Nações Unidas. O**bjetivos de Desenvolvimento Sustentável.** [S.l.]: Nações Unidas, 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs. Acesso em: 31/05/2025.

Özkula, Suay Melisa; Prieto-Blanco, Patricia; TAN, Xuanxuan; Mdege, Norita. **Affordances and platformed visual misogyny: a call for feminist approaches in visual methods.** Feminist Media Studies, 2024, VOL. 24, NO. 5, 962–983.

Pagnoncelli, Cristina. Plataforma: site. Disponível em: https://crispagnoncelli.com/.  Acesso em 15/08/2026.

Papanek, Victor. **Design for the real world: Human ecology and social change** (2nd ed.). Pantheon Books. New York: 1971.

Pelúcio, Larissa. **Gênero, sexualidade e o controle biopolítico dos corpos.** Palestra apresentada no PET-Saúde, Unesp, abril de

2025. Comunicação oral.

Perez, Olivia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. **A quarta onda feminista no Brasil.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 31, n. 3, e83260, 2023.

Pinto, C. R. J. **Feminismo, História e Poder.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

Relatório Anual de Informações Sociais. **3º Relatório de Transparência Salarial e Igualdade.** 2024. Disponível em: https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNTFhZWI0MzUtZjZkOC00Y2EwLTg5MTMtYjlkODYyOGEwNTIwIiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9 . Acesso em: 27 out. 2025.

Roudinesco, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: Uma história dos perversos.** 2008

Rousseau, Jean - Jacques. **Emílio ou da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

Said, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (tradução de Rosaura Eichenberg).

Santayana, George. **The life of reason: or the phases of human progress.** New York: Charles Scribner's Sons, 1905-1906. 5 v.

Silva, T. T. **Alternativas imagéticas à economia da atenção: design e ativismo no Brasil.** DAT Journal, v.6, n.4, p. 156-172, 2021.

Souza, Vanessa Yumi Kanezaki de; GOMES, Rogério Zanetti. **Arte que dá voz: dos cartazes políticos do movimento feminino pela anistia às performances sociais de Berna Reale.** Projética, Londrina, v. 12, n. 3, p. 249-279, 2021.

Thorpe, Anne. **Defining Design as Activism.** 2011. Disponível em: http://designactivism.net/wp-content/uploads/2011/05/Thorpe-definingdesignactivism.pdf. Acessado em 23/04/2025.

Yarrow, Emily. **Book review: Data Feminism.** Gender Work Organ. 2022;1–4. Resenha de Data Feminism de Catherine D'Ignazio and Lauren F. Klein. Cambridge, Massachusetts e London, England: The MIT Press, 2020.

SILVA, Rubens Rangel; VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. **Arte gráfica de protesto: reflexões acerca dos cartazes políticos das jornadas de junho**. In: 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (P&D Design), 2016, Belo Horizonte. Anais... Blucher, 2016. p. 607-617.

LUPTON, Ellen. **How Posters Work**. New York: Cooper Hewitt, Smithsonian Design Museum, 2015.

SILVA, Breno Biazzi de Almeida e. **Detalhe/Fragmento: a contribuição da colagem para a formação da arte moderna no início do século XX**. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes Visual) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2022. Disponível em: https://hdl.handle.net/11449/238478. Acesso em: 1 out. 2026.